

Uma experiência ligeiramente deformada: a etnografia do scrutador Ítalo Calvino¹

Camila Pierobon*

I - Olhos, nariz, boca, braços, pernas

No mundo todo as coisas que mais pareciam de pedra iam se movendo.

Ítalo Calvino – 1963

Em sete de junho de 1953, Ítalo Calvino, ainda membro do *Partido Comunista Italiano* (PCI), fora candidato pelo Partido com o objetivo de “engrossar a lista” de concorrentes eleitorais e fazer frente ao *Partido Democrata Cristão* italiano. Nesta ocasião, passou pela primeira experiência de participar de um processo de votação no interior do Cottolengo, à época, a maior instituição religiosa para “caridade” de Turim, que incluía asilo, hospital, hospício, escola e convento. Calvino, no trabalho como candidato, assumiu a tarefa de resolver os conflitos das mesas eleitorais em que havia problemas e contestações. Foram apenas dez minutos andando pelo Cottolengo, mas o tempo necessário para muitas reflexões e o surgimento da idéia de escrever um conto sobre a experiência vivenciada.

Ao começar a escrever, ainda naquele ano, Calvino percebe que “as imagens que carregava dali eram pouca coisa em relação ao que se espera de um tema desses” (CALVINO, 2002, p. 88) e pensa que só conseguiria escrever sobre um dia de eleição no Cottolengo vivendo *in loco* todo o processo eleitoral. Em 1961, quatro anos após o desligamento do PCI, mas ainda prestando serviços ao Partido, aparece para o escritor italiano a chance de ser scrutador nas eleições administrativas. Calvino passa dois dias naquela seção eleitoral sendo scrutador nas mesas e coletor de votos nas

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPQ. E-mail: camila_pierobon@hotmail.com.

enfermarias. No texto de apresentação do livro, nosso autor expõe o choque e a angústia que teve para descrever tal experiência. Em fevereiro de 1961 Calvino diz:

O resultado foi que fiquei completamente impossibilitado de escrever durante muitos meses: as imagens que tinha nos olhos, de infelizes sem capacidade de compreender ou falar ou se movimentar, para os quais se encenava a comédia de um voto delegado mediante o padre ou a freira eram tão infernais que só poderiam ter me inspirado um panfleto violentíssimo, um manifesto antidemocrata cristão, uma seqüência de anátemas de um partido cujo poder se sustenta em votos (poucos ou muitos, a questão não é essa) obtidos daquele modo. Enfim, primeiro estava quase sem imagens, agora tinha imagens demasiado fortes. Tive de esperar que se afastassem, que ficassem um pouco esbatidas na memória; e tive de deixar amadurecer cada vez mais as reflexões, os significados que delas se irradiam, como uma seqüência de ondas e círculos concêntricos (*idem, ibidem*).

Publicado em 1963², foram necessários 10 anos de distância da primeira experiência no Cottolengo para que Calvino pudesse finalizar o conto *O dia de um scrutador*. E é através da “experiência de campo” que Calvino vivenciou dentro da também chamada Pequena Casa da Divina Providência, em Turim, que farei um “exercício etnográfico”, propondo uma aproximação entre a literatura de Italo Calvino e a proposta da “antropologia da cidade” desenvolvida pelo antropólogo francês Michel Agier.

Como “experiência autobiográfica ligeiramente deformada” (*idem*, p. 85), o conto *O dia de um scrutador* é considerado por alguns de seus críticos como o mais “sofrido e engajado” de Calvino, pois mostraria o “caráter utópico de seu pensamento” (PIERANGELLI, 2011, p. 216). A história narra um dia de trabalho de Amerigo Ormea como scrutador no famoso sanatório de Turim, exercendo as mesmas funções de Calvino, ou seja, Amerigo foi scrutador na mesa eleitoral e coletor de votos nas enfermarias.

Passada nos anos de 1950, esta narrativa integraria uma tríade inacabada de textos que Calvino pretendia intitular *Meados de século*. Na coleção, que inclui o conto *A especulação imobiliária* e um terceiro, que teve apenas as primeiras páginas escritas, *Che spavento d'estate*, o autor tinha como princípio

marcar o momento de transformações da Europa, e em especial da Itália, após o fim da Segunda Guerra Mundial. De caráter realista, os contos têm como característica reflexões sobre as indelévels transformações pelas quais a Europa passara no início da segunda metade do século XX.

O cenário que se apresenta com essas profundas e importantes mudanças aparece no texto de Calvino através da experiência de crise que atinge sua vida nas décadas de 1950 e 1960. *Crise* é a palavra que (des)orienta o pensamento do escritor italiano, e marca um momento de transição nas reflexões e posições do autor sobre temas importantes, pois coloca em questão a existência naturalizada de conceitos e idéias que eram, até então, caras ao escritor italiano. Crise da literatura, crise do sentido da democracia, crise do conceito de humano, crise da política, do partido comunista, da esquerda e do marxismo e, também, crise da cidade. Em meio a estas reflexões, Calvino comenta sobre o que significa ser um escritor em situação de crise:

(...) para um escritor, a situação de crise, quando uma determinada relação com o mundo sobre a qual ele construiu seu trabalho se revela inadequada e é necessário encontrar outra relação, outra maneira de considerar as pessoas, a lógica das histórias humanas, essa é a única situação a dar frutos, a permitir tocar alguma coisa verdadeira, a permitir escrever precisamente aquilo que os homens necessitam ler, mesmo que não percebam ter essa necessidade. (CALVINO, 2008, p. 80).

Este trecho foi escrito por Calvino entre março e abril de 1961, dois meses após o seu retorno ao Cottolengo, e integra a conferência intitulada *Diálogo de dois escritores em crise*. O ensaio relata seu encontro com o escritor italiano Carlos Cassola e traz como tema a reflexão sobre a crise dos ideais que orientavam a literatura durante o século XIX e que perduraram na primeira metade do século XX.

Nessa discussão, enquanto Cassola tentava defender uma literatura que estivesse voltada “aos sentimentos, ao contato direto com a vida dos grandes escritores do século XIX”, Calvino o provoca dizendo que, para fazer uma literatura que dê conta de pensar os problemas existentes no mundo contemporâneo, é preciso que o romancista consiga expressar a vida moderna “em sua dureza, em seu ritmo e também em sua mecanicidade e desumanidade” (*idem*, p. 79).

Para nosso autor, os romances que nascem a partir dos anos de 1950 e 1960 não poderiam mais “ter a pretensão de nos informar sobre como é o mundo”; o máximo que se pode fazer é descobrir “a maneira, as mil, as cem mil novas maneiras em que nossa inserção no mundo se configura, expressando pouco a pouco as novas situações existenciais” (*idem*, p. 85).

É a partir desta última afirmação que proponho uma aproximação entre a literatura de Calvino e a antropologia *da* cidade. Aqui, faço uma referência direta ao pensamento de Michel Agier, nos termos em que este aponta diferenças entre fazer uma antropologia *na* cidade e a antropologia *da* cidade: esta última nos permitiria pensar a cidade a partir de duas operações epistemológicas que modificariam o modo de fazer a etnografia urbana. A primeira modificação consistiria em “deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos – e assim, parafraseando Clifford Geertz ao falar de cultura, ver a cidade como vive, olhando-a ‘por cima do ombro’ dos cidadãos”; a segunda operação versaria em “deslocar a própria problemática do objeto para o sujeito, da questão sobre o que é a cidade – uma essência inatingível e normativa – para a pergunta sobre o que faz a cidade” (AGIER, 2011, p. 38).

O que a antropologia *da* cidade propõe é a problematização das construções sociais do olhar sobre a cidade. Neste sentido, uma das questões que esse “olhar antropológico” nos traz são os limites da idéia totalizante de cidade que ofusca o entendimento das micro-relações que estão em jogo no dia-a-dia da realidade concreta cotidiana. A escolha da antropologia *da* cidade é a desconstrução da forma de entendimento de cidade que, de alguma maneira, a tipifica quando trata “a cidade” como objeto de estudo em si. O que se propõe é outra maneira de pensar as cidades em que o foco passa a ser os sujeitos concretos que através das suas práticas diárias “fazem a cidade”. O foco sai, portanto, da idéia totalizante de cidade e passa para as “cem mil maneiras” possíveis com que os sujeitos vivem a cidade.

No movimento de voltar a atenção para os sujeitos, coloca-se outra questão para a antropologia urbana, no que concerne à definição do seu objeto de estudos por áreas temáticas de conhecimento como, por exemplo, religião, família, gênero, etc. Para realizar estes estudos de forma que não autonomize os temas das relações que os sujeitos operam no cotidiano, é necessário, na abordagem, um cuidado especial. O desafio da antropologia contemporânea está justamente em descrever as complexas conexões realizadas por esses sujeitos que acionam, interligam e organizam constante e ininterruptamente

as diferentes esferas da vida concreta. O que a antropologia *da* cidade apresenta como proposta é que “o próprio ser da cidade surge não como um dado mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria da observação, das interpretações e das práticas de ‘fazer cidade’” (*idem, ibidem*).

É exatamente pelo fato de a análise da antropologia urbana se centrar nos sujeitos como parte fundamental do *processus* da cidade, e pela ideia de se trabalharem diferentes esferas da vida das pessoas, que indico uma aproximação com a literatura de Calvino. Essa aproximação é possível na medida em que a antropologia e a literatura são duas formas de experimentação do mundo que, *mutatis mutandis*, “parece permitir-nos elaborar um roteiro centrado nos agentes” (ISER, 1999, p. 152). Trazer a questão para a relação entre roteiros e agentes implica pensar na ordenação e organização do que está sendo escrito, o que leva o autor a perceber o ato de escrever como uma prática que cria discursos e a assumir a responsabilidade sobre os sentidos que estão sendo elaborados.

Pensar em roteiros e agentes coloca em questão a própria noção de agentes e agências, na medida em que impossibilita pensar o escritor, e também o antropólogo, distanciados do ato de escrever. Outro dos desafios da antropologia contemporânea está precisamente em escolher uma forma narrativa que dê conta de expressar a complexidade dos problemas contemporâneos através dos movimentos e dinâmicas que põem em relação as diferentes dimensões em jogo no cotidiano. Colocar o foco nos sujeitos provoca o etnógrafo e o escritor a deixarem o texto aberto e dinâmico, e a por em xeque a ambição iluminista da objetividade e a aspiração de uma totalidade que se constitua através de um sentido único e essencialista.

Se um dos desafios da antropologia contemporânea está em buscar uma forma narrativa que dê conta de trazer para o ato de escrever a complexidade, a diversidade e a dinâmica, este é também um dos desafios da literatura nos séculos XX e XXI.

Em 1963, Italo Calvino finaliza o conto *O dia de um escrutinador*, mas deixa a trilogia *Meados de século* inacabada. Isso porque, nesse período, diante da diversidade dos problemas que se apresentam no mundo contemporâneo, o escritor italiano sente a necessidade de buscar novas formas narrativas para tentar entendê-los e escrevê-los. Essa busca marca a mudança na postura do autor em relação ao seu estilo de fazer literatura. Por entender que a presença do escritor é interna ao ato de escrever, e que o estilo literário

estaria intimamente ligado à forma como seu autor entende e pensa o mundo social em que vive, Italo Calvino questiona e transforma a sua forma de fazer literatura.

No entanto, existe algo que permanece. Em uma entrevista realizada em 1960 pelo professor e crítico literário Carlo Bo, surge a pergunta: se são as idéias ou os homens que têm mais peso na formação política e literária do escritor italiano. Para responder a esta questão, no texto – que não por acaso leva o título *O comunista partido ao meio*, e realiza um jogo com este e outros de seus romances da época –, Calvino diz:

(...) têm mais peso sempre os homens do que as idéias. Para mim, as idéias sempre tiveram olhos, nariz, boca, braços, pernas. Minha história política é, antes de tudo, uma história de presenças humanas. A Itália, quando menos esperamos, descobrimos que é cheia também de boas pessoas (CALVINO, 2006, p. 143).

Neste trecho é revelada a importância das presenças humanas na construção e compreensão dos problemas levantados por Calvino, e é através das presenças humanas que ele apresenta a complexidade da vida nas cidades. Italo Calvino problematizou as cidades tanto em seus romances e contos como em seus ensaios, crônicas, relatos de viagens e cartas. Ele formulou narrativas sobre as cidades contemporâneas, construindo seqüências da vida urbana inspiradas em pequenas cenas cotidianas, muitas vezes retiradas de uma ínfima parte do curso real do mundo. O interesse pela abordagem multidisciplinar e sua obsessão pela exatidão fizeram com que Calvino construísse as mais diversas cidades com os mais diferentes tipos urbanos, utilizando toda a liberdade poética que lhe é característica nas formulações fantásticas ou construindo narrativas neo-realistais politicamente engajadas.

O dia de um escrutinador é um livro que entra nesta segunda categoria. É uma observação da complexidade da vida contemporânea que pode ser lida através de um episódio que acontece no decorrer de um dia. Ele permite ao leitor, por meio da experiência do protagonista Amerigo Ormea, um “passeio” no interior do Cottolengo, enfrentando os questionamentos provocados pelas dúvidas e angústias experimentadas pelo personagem.

O livro traz reflexões sobre os confrontos dos ideais de um homem de esquerda que construiu sua visão política do mundo na militância do Partido Comunista Italiano (PCI), que propunha certos ideais universais para a

definição de humano, igualdade, democracia, etc. No entanto, a vida que aparece no cotidiano do Cottolengo se torna impossível de ser reduzida às concepções gerais e abstratas defendidas pelo Partido. Amerigo se dá conta de que o mundo em que se “formou” não permite entender a quantidade de questões levantadas pela vida concreta que circula naquele sanatório. Assim, seus ideais aparecem como utopias que a cada movimento do seu dia são desconstruídos pela dura e complexa realidade que encontra à sua frente.

No entanto, num movimento pendular, Amerigo aos poucos vai reconstruindo seus pensamentos na medida em que investiga os modos concretos através dos quais os indivíduos como seres viventes se relacionam naquele espaço. Porque, como argumenta Calvino naquela mesma entrevista, “o que conta é o que continua, é o positivo que sabemos reconhecer em toda realidade” (*idem*, p. 144). Dessa maneira, o deformado se reconstrói em humano, a imobilidade em movimento, a inércia em ação e o Cottolengo em cidade.

Em certo sentido, podemos ler o Cottolengo como uma instituição onde, através de sua trama integrada de significados, é possível levantar questões que estabeleçam diálogos com problemas mais gerais. Por meio das dúvidas e angústias experimentadas por esse homem comum, simples e complexo, Amerigo Ormea, podemos abrir nosso pensamento para outras possíveis formulações.

Para passarmos à segunda parte do texto, tomo por empréstimo novamente de Michel Agier a indagação que direciona a análise que segue. Por perceber que a construção do problema antropológico deve estar centrada em entender as dinâmicas que nascem em lugares como o Cottolengo, Agier lança a seguinte pergunta: “que vida social, econômica, cultural, política emerge nos lugares mais precários e mais extraterritoriais dando-nos exemplos de cidades em formação?” (AGIER, 2011, p. 39). A partir desta questão, iniciamos a segunda parte deste artigo.

II - Amerigo Ormea e A cidade como hospício

1 – Um comunista no hospício

Apresentar Amerigo Ormea e a história vivida por ele constitui-se enorme dificuldade. O tempo em que ela se realiza é curto e com linearidade temporal: começa às cinco e meia da manhã, com o personagem saindo de sua

casa para ser escrutinador no Cottolengo, e termina com o encerramento da seção eleitoral. O que torna difícil a apresentação do texto é a quantidade de episódios mencionados no correr desse dia: a exposição do processo eleitoral e as relações entre os escrutinadores; a descrição física do Cottolengo; a narração dos diferentes tipos de pessoas que vivem naquele espaço e as formas de convivência que se estabelecem entre elas, dentre outros acontecimentos. Também pela complexidade do personagem Amerigo que vai sendo construído na medida em que suas vivências vão suscitando reflexões. Assim, Amerigo aparece de forma descontínua, fragmentada e contraditória, num movimento ininterrupto de desconstrução e reconstrução no qual o mundo e as idéias jamais encontram uma maneira de se fixar. Somada as duas dificuldades, o conto acaba se tornando intraduzível em um resumo.

Por essa impossibilidade de fazer uma síntese do texto, opto por uma construção analítica que traz a complexidade do conto, focalizando algumas das ações e interpretações do personagem principal. Assim, começo com a abertura do livro:

Amerigo Ormea saiu de casa às cinco e meia da manhã. O dia anunciava-se chuvoso. Para alcançar a seção eleitoral onde era escrutinador, Amerigo seguia um percurso de ruas estreitas e arqueadas, ainda pavimentadas com os velhos calçamentos, ao longo de muros de casas pobres, decerto densamente habitadas mas que não apresentavam, naquele alvorecer dominical, qualquer sinal de vida (CALVINO, 2002, p. 09).

Amerigo, um homem da classe média, “ex-burguês”, intelectual, solteiro, de meia idade, que desenvolveu seu pensamento e esperanças ancorados nas ideias iluministas de razão, de humanidade e de igualdade, e que escolheu viver uma trajetória política filiando-se ao Partido Comunista Italiano. Como militante, era conhecido pelos outros membros do Partido como uma pessoa “preparada” e de “bom senso”. Por não gostar de “ficar na linha de frente” e preferir realizar tarefas úteis, modestas e necessárias as quais ele acreditava serem corretas, Amerigo não se definia como um militante “ativista”. Era julho de 1953 e fora por essas características pessoais que Amerigo recebera do Partido a incumbência de ser escrutinador no Cottolengo.

Da experiência adquirida na vida política, Amerigo carrega a nostalgia dos anos de 1940 – em que a política aparecia como algo realizável – e

oscila entre um *pessimismo político* e um *otimismo utópico* ou, na máxima de Gramsci, *pessimismo da inteligência, otimismo da vontade* (CALVINO, 2008, p. 22). Na tentativa de superar essa dualidade, o comunista adotava um tipo de conduta de acordo com a qual, acreditava ser necessário, tanto na política quanto na vida, “nunca criar demasiadas ilusões e não deixar de acreditar que tudo o que se fizer poderá ser útil” (CALVINO, 2002, p. 10). Por isso, Amerigo aceita de “bom grado” a tarefa “modesta”, “necessária”, “racional”, “laica” e de “empenho” que é ser escrutinador naquela instituição religiosa.

Com vagas idéias sobre o que esperar daquela seção eleitoral, Amerigo caminha e pensa que um “dia triste e nervoso” estará à sua espera. Para chegar à instituição, o militante comunista passa por um bairro que não lhe é familiar, formado por ruas “estreitas e arqueadas” onde se encontram casas “pobres e populosas”, em meio às quais ele precisa se orientar, procurando os nomes nas “placas enegrecidas”. Narrada em quinze capítulos, a história conta o correr deste único e intenso dia na vida de Amerigo Ormea e vai pouco a pouco elaborando o difícil perfil de um personagem em transformação.

Sob chuva fina e com os sapatos molhados, Amerigo chega ao Cottolengo. Na entrada, em frente ao portão, o personagem observa o ambiente ao seu redor e, inquieto, confere as informações na notificação enviada pela prefeitura.

Aquele edifício provocava nas lembranças de Amerigo a imagem de uma “grande fábrica”. Em outros momentos a construção aparece “meio como um quartel, meio como um hospício”. Seja como fábrica, quartel ou hospício, aquele prédio compunha um corpo disforme com contornos irregulares, como se as características daquele lugar se misturassem com as pessoas que ali viviam. Por sua dimensão, o sanatório mais parecia “uma cidade dentro da cidade, cercada por muros e sujeita a outras regras”. Esta constatação produz em Amerigo a “sensação de penetrar para além das fronteiras do seu mundo” (*idem*, p. 12).

O Cottolengo, também chamado “Pequena Casa da Divina Providência”, havia sido fundado entre os anos de 1832 e 1842, pelo frade Benedito Cottolengo que o administrava e organizava, gerando incompreensões no período da nascente revolução industrial italiana. Agora, no século XX, a instituição se tornara famosa ao redor do mundo. Todos na cidade sabiam que a função daquele hospício era a de “dar asilo aos tantos infelizes, aos prejudicados, aos deficientes, aos deformados, e daí para baixo até às criaturas

escondidas que não se permite ver” (*idem*, p. 11). Esse local tinha um lugar reservado na piedade dos cidadãos de Turim, mas no jargão popular, a casa havia recebido um apelido, conforme costume turinês que abrevia os nomes às primeiras letras: *cutu*. Este codinome acrescentava ao espaço beneficente a imagem de ridículo.

Desventura, piedade, ridículo, beneficente, religião, são significados que se misturam no interior daquele espaço e que à época das eleições gerava grande polêmica e incluía na lista de significados a imagem de exploração eleitoral.

Era a primeira vez que nosso herói entrava no sanatório. E desde os primeiros passos do escrutinador Amerigo Ormea no Cottolengo vamos acompanhando a *experiência de choque* (BENJAMIN, 1985) de um homem de esquerda que, ao se deparar com a complexidade da realidade encontrada naquele espaço, entra em crise com os sentidos e os conceitos que havia naturalizado e consolidado. Com o andamento do dia, das pessoas que passam e dos conflitos que aparecem, o personagem Amerigo, que entra no Cottolengo com certa definição de suas escolhas e pensamentos, vai sendo profundamente contestado, chegando ao final do dia a pungentes definições dos sentidos que foram desconstruídos.

2 – Uma eleição no Cottolengo

Era o verão de 1953, chovia neste dia de eleição e Amerigo, que era filiado ao *Partido Comunista Italiano*, não esperava mais que a chuva trouxesse a boa sorte aos partidos de esquerda. O hábito entre os eleitores comunistas e socialistas do pós-guerra era torcer para que chovesse, acreditando que muitos eleitores de centro e de direita não sairiam de casa para votar. No entanto, muitas eleições haviam sido realizadas e, com os resultados de anos após anos, Amerigo entendia que a “organização para ‘fazer’ com que todos votassem sempre funcionava” (*idem*, p. 9).

A história narrada no livro traz uma Itália que saíra da experiência do fascismo e passava pelo processo político de democratização. Os partidos que chegaram ao governo aprovaram uma lei na qual a coalizão que alcançasse 50% +1 dos votos teria dois terços das cadeiras ocupadas (*idem*, p. 10). A “igreja” levava ao pé da letra o sufrágio universal e a obrigatoriedade do voto e, assim, fazia com que todas as pessoas presentes em suas instituições, em qualquer lugar que estivessem, no estado em que se encontrassem, tivessem o

seu “direito” ao voto reconhecido e efetuado. Este grande instituto religioso, apartado do cotidiano da cidade e separado dos que são considerados cidadãos, se transformava, à época das eleições, em uma fábrica de votos do *Partido Democrita Cristão* italiano, juntamente com outros hospitais, hospícios e conventos.

Amerigo sabia de tudo isso e conhecia várias das pequenas histórias que ocorriam dentro do Cottolengo nessa época de eleições, onde pessoas privadas de entendimento eram obrigadas a votar. Entre elas, circulavam algumas anedotas “meio burlescas meio piedosas”, como a do eleitor que tinha comido a cédula, a daquele que, com o papel na mão, acreditava estar em uma latrina e fizera suas necessidades, ou ainda aquelas de eleitores que tinham a capacidade de decorar o número e entravam na sala repetindo-o continuamente: “um dois três, Quadrello! um dois três, Quadrello!” (*idem*, p. 12).

Apreensivo por estar naquele local e para não “deixar-se levar pela desolação do ambiente”, Amerigo “se concentra na desolação de seus apetrechos eleitorais” (*idem*, p. 17). A primeira obrigação como escrutinador é a de transformar a sala, que nos dias comuns é um parlatório para os parentes que visitam os internos, em uma das centenas de seções eleitorais armadas no interior do Cottolengo. Para isso são necessários poucos objetos: biombos e caixas de madeira, registros, pacotes de cédulas, canetas... Também é preciso conhecer os outros companheiros de trabalho, e Amerigo se vê entre o presidente da mesa e mais três escrutinadores: duas mulheres, uma militante e ativista do Partido Socialista Italiano, outra com ar professoral que parecia recrutada pela *Ação Católica*, e um terceiro, “magrela e quatro olho”, de quem não se define num primeiro momento o partido, mas que, pelas colocações, compartilha com as ideias de algum partido católico e conservador.

As questões que Italo Calvino elabora em *O dia de um escrutinador* nos permitem formular o cotejo com indagações que Veena Das e Deborah Poole trazem na Introdução do livro *Antropologia nas margens do Estado*:

(...) uma antropologia das margens oferece uma perspectiva única para compreender o estado, não porque capture práticas exóticas, mas sim porque sugere que aquilo que é dito como margens são os supostos necessários do estado, da mesma forma que a exceção é a regra (DAS, POLLE, 2008, p. 19, tradução minha).

O livro organizado por Das e Poole surgiu das reflexões sobre as formas de fazer antropologia e etnografia sobre o chamado “estado”³. As antropólogas

se propõem a trabalhar a instituição “estado”, a partir de práticas e relações de poder que podem ser observadas nas micro relações cotidianas. Os lugares exemplares para se compreender essas práticas seriam, segundo as pesquisadoras, aqueles tradicionalmente considerados à margem do moderno Estado-nação. Dessa maneira, os artigos presentes no livro se voltam para estados e políticas realizadas em países que, segundo o pensamento clássico liberal, estariam aquém do que supostamente se constituiria o Estado-nação moderno. Por questionarem e se contraporem aos ideais do pensamento liberal/moderno/ocidental, as antropólogas privilegiaram textos cujas descrições e análises se distanciaram da ideia abstrata de Estado. Os artigos do livro fogem, portanto, à construção do Estado como uma instituição que existe através de uma administração racionalizada, desencarnada das relações entre pessoas, e que interpreta as margens como lugares “atrasados”, que deveriam “evoluir” para alcançar o status de moderno. Fazendo do “Estado” um objeto de estudo através das micro relações sociais, o que aparece nos textos são relações de poder, práticas políticas, reguladoras e disciplinares presentes nesses territórios denominados “margens”.

Uma eleição realizada no interior do Cottolengo não poderia entrar em um tipo de análise que faz os mesmos questionamentos? Para voltarmos ao texto de Calvino, formulo, a partir da questão levantada por Michel Foucault quando explicava o porquê do livro *História da loucura*, a seguinte pergunta: “como esta coisa impossível efetivamente aconteceu?” (FOUCAULT, 2006, p. 99). A nossa pergunta é: como uma eleição pode ter ocorrido no interior do Cottolengo?

Estamos no começo dessa manhã de eleição, a democracia, que aparecia para nosso comunista como uma lição de moral “perpétua, austera e silenciosa”, contra os fascistas, seguia seu caminho com “desencarnado cerimonial de pedaços de papel dobrados como telegramas, de lápis confiados a dedos calosos ou trêmulos”. Disposto a olhar o processo eleitoral de forma otimista, Amerigo reconhece neste momento o “verdadeiro” sentido da democracia e pensa no paradoxo de estarem no mesmo território os crentes na ordem divina e os companheiros conscientes do engano burguês, ambos certos de encarnarem a própria “essência” da democracia. Nosso comunista chegava a sentir-se satisfeito. Ele olhava ao seu redor sempre à procura da antítese a se contrapor. No entanto, a votação começava e, com ela, voltava a sensação de estranheza e mal-estar. A “sombra cinzenta do estado burocrático

assolava Amerigo e invadia a área igual antes, durante e depois do fascismo” (CALVINO, 2002, p. 31).

Depois de montada a seção eleitoral, nosso herói exercia suas funções como escrutinador conferindo a lista dos eleitores falecidos, também aqueles que haviam mudado de seção, enfim, uma divisão de pequenos problemas práticos distribuídos entre todos os escrutinadores. Com os primeiros votantes, começavam também inúmeras confusões: uma senhora que sai da cabine com a cédula expondo o seu voto – que deveria ser secreto –, o que gerou uma quantidade de contestações; freiras, padres e madres que, acompanhando eleitores com seus atestados médicos, tinham a permissão de levá-los à cabine de votação; os internos “espertos” que, mesmo sem saber identificar as pessoas que estavam representando, assinalavam as cruzinhas no papel, votando no candidato democrata cristão, como combinado. O que poderia um escrutinador fazer naquele local para impedir tais ilegalismos?

Nesse sentido, o livro *O dia de um escrutinador* apresenta uma crítica à democracia representativa. Através do texto, Calvino expõe os aspectos absurdos de uma democracia que se sustenta em votos obtidos por meio de uma organização burocrática e racional que leva ao limite o “fazer votar” todas as pessoas. É importante lembrar que cada uma das seções eleitorais da instituição “reúne cerca de quinhentos eleitores, e no Cottolengo todo há milhares de eleitores” (*idem*, p. 17). O processo eleitoral realizado no interior do Cottolengo apresenta o lado perverso de uma prática política que transforma a eleição em um absurdo útil que serve para estabelecer o controle e o domínio por parte de quem se encontra no poder e pretende permanecer.

Afetado por essas observações, Amerigo nos leva a refletir sobre o que significa fazer votar os deficientes e idiotas sem a capacidade de compreender o sentido dos seus atos? O que significa a luta por uma democracia, pelo sufrágio universal e pela obrigatoriedade do voto? O que significa uma lei que força os eleitores a cumprirem o seu “direito” de votar, mesmo que eles não saibam o que quer que seja sobre as eleições e seus candidatos? E mais, quais são aqueles que têm a capacidade de compreender os sentidos dos resultados de uma eleição?

Através do texto de Calvino, questões sobre democracia, política, esquerda, são mobilizadas, levando o leitor a confrontá-las com a idealização do Estado democrático. Por meio do processo eleitoral vivido por Amerigo Ormea, percebemos o imbricamento de questões que fazem da eleição um

aparato político e regulatório no interior de um Estado central e burocrático, onde as micro relações são tecidas pelas racionalidades administrativas e hierárquicas.

Em uma Itália que vivera cerca de vinte anos sob o regime fascista, a democracia aparece como incontestável vitória. Nesse contexto, nosso militante de esquerda apresenta-se dilacerado, pois mesmo com as obscuras perspectivas das eleições, com as urnas montadas dentro de um hospício onde não se havia podido realizar comícios, nem pendurar cartazes, nem vender jornais, onde padres e freiras votam em nome de centenas de desafortunados, Amerigo se dispõe a acreditar na realização do processo democrático.

Como escrutinador e militante, Amerigo Ormea executa uma a uma as suas tarefas com a “certeza do que está fazendo, mas também [com] um pressentimento de um quê de absurdo” (*idem*, p. 22). Este *comunista partido ao meio* cumpre toda a sua função burocrática, chegando ao limite de recolher os votos de moribundos que se encontravam na enfermaria do sanatório. Sem conseguir definir sua posição, Amerigo observa a prática absurda de uma eleição que se realiza no interior do Cottolengo e continua exercendo, até o final do seu dia, as ordens do Estado e do Partido. Nas dilacerações experimentadas pelo escrutinador Amerigo Ormea, cercado por homens que – por não serem “produtivos” – a “civilização” deposita nos asilos e hospícios, aparece a presença da dor e da desorientação de um homem que vê a democracia como um sistema que se realiza na convergência com formas de humilhação, exceção e desumanização. No interior do Cottolengo, as distinções políticas tradicionais que trabalham na chave de oposição entre direita e esquerda, liberalismo e totalitarismo, privado e público, perdem sua determinação.

3 – A cidade como hospício

As funções burocráticas de um escrutinador apareciam para Amerigo como algo estranho, impessoal, pacato e frio; mas algo animava aquele ambiente: era a chegada dos votantes e “a variedade da vida a entrar com eles” (*idem*, p. 16). Nas palavras do narrador:

Era uma Itália oculta desfilando naquela sala, o avesso daquela que se exhibe ao sol, que anda pelas ruas e que pretende e produz e consome, era o segredo das famílias e das aldeias, era também (mas

não só) o campo pobre com seu sangue aviltado, seus conúbios incestuosos na escuridão das estrebarias, o Piemonte desesperado que sempre acossa o Piemonte eficiente e rigoroso, também era (mas não só) o fim das raças, quando no plasma se fazem as contas de todos os males esquecidos de desconhecidos antecessores, a sífilis calada como culpa, a bebedeira único paraíso (mas não só, mas não só), era o risco de um erro que a matéria de que a espécie humana é feita corre sempre que se reproduz, o risco (previsível, ademais, como base no cálculo das probabilidades, como nos jogos de azar) que se multiplica pelo número das novas insídias, os vírus, os venenos, as radiações de urânio... o acaso que governa a geração humana que se diz humana porque acontece casualmente... (CALVINO, 2002, p. 24-25).

Em *O dia de um escrutinador*, Italo Calvino constrói uma imagem incomum da Itália do pós-guerra. Pelos corredores do instituto religioso o escritor italiano fez serpentear “habitantes de um mundo escondido”, os “homens infames”, na expressão cunhada por Michel Foucault, que traz para o primeiro plano as desventuras de vidas ínfimas, obscuras, insignificantes e repugnantes que, em contato com o poder, tiveram sua liberdade, sua infelicidade, seu destino, com frequência sua morte, ao menos em parte, decididos nesse contato (FOUCAULT, 1992, p. 96).

A noção de infames apresentada por Michel Foucault é resultado de pesquisa realizada pelo pensador francês em cima de petições, cartas régias, documentos de internamentos escritos durante os séculos XVII e XVIII, onde fragmentos de existências reais teriam sido ali registrados. Segundo Foucault, a ideia era trabalhar com discursos produzidos sobre vidas simples, obscuras, infames, que só puderam ser documentadas por terem, em algum momento, entrado em contato com o poder.

Vidas simples com morais diversas da ordem normativa em vigor e, por isso, segundo a leitura de Adriana Fernandes sobre o texto de Foucault (2011, p. 4), seriam questionadoras das palavras de ordem e dos valores hegemônicos vigentes. Não significa, porém, que essas vidas estariam em oposição à ordem, tampouco seriam um contraponto ao “sistema”, mas atuariam afirmativamente nas brechas da sociedade disciplinar, conjurando seu funcionamento. Nesse sentido, à medida que esses anônimos fossem localizados pelos agentes do poder disciplinador, algo de novo se configuraria:

esses infames seriam encarcerados no interior da sociedade normativa ou incorporados a uma política de controle.

Seguindo este raciocínio, podemos dizer, com as palavras de Calvino, que *O dia de um escrutinador* expõe “o fermento da exceção, da ruptura da norma” (CALVINO, 2002, p. 24), mas com uma característica peculiar: por sua constante repetição se torna regra e faz com que os critérios de normalidade sucumbam e impossibilitem a criação de formas de separação e de exclusão.

Em suas reflexões, Amerigo inverte a relação entre o Cottolengo e a cidade. Esta *cidade invisível* dobra de tamanho e aparece para o personagem como um mundo possível. Dessa maneira, a cidade se transforma em um grande Cottolengo, um grande hospício onde a exceção passa a ser a cena comum, indo de encontro com o pensamento de Giorgio Agamben (2000), e ele defende que as práticas de exceção e confinamento seriam os paradigmas para se pensar a política no século XX e XXI.

O mundo olhado desse ponto de vista, em que a cidade toma a forma de um grande hospício, coloca questões para o intelectual de esquerda, levando-o a perceber os limites das ideias e abstrações do Partido, e nos permite formular a seguinte pergunta: o que significa declarar-se comunista diante de um mundo onde a exceção se apresenta como regra geral?

O filósofo italiano Giorgio Agamben discute a ideia de exceção no mundo contemporâneo, ao analisar dispositivos de seu funcionamento nos campos de concentração. Grosso modo, a “exceção” seria uma espécie de “exclusão complexificada” da regra. Isso significa dizer que a exceção não é uma simples exclusão das normas gerais, mas se caracteriza por apontar que aquilo que tradicionalmente é tratado como excluído não está absolutamente fora da relação com a norma. A exceção elaborada por Agamben mostra algo que está ao mesmo tempo dentro e fora da norma, mantendo com esta uma relação de suspensão. “*A norma se aplica à exceção desapplicando-se, retirando-se desta*. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da sua suspensão” (AGAMBEN, 2010, p. 24, grifos do autor). A exceção seria, pois, a zona cinzenta que aparece quando a ordem é suspensa. É a “localização (*Ortung*) fundamental, que não se limita a distinguir o que está dentro e o que está fora, a situação normal e o caos, mas traça entre eles um limiar (o estado de exceção)” (*idem*, p. 25). É uma forma de pertencer e de agir no limiar que se encontra ao mesmo tempo dentro e fora da lei.

Em simultaneidade com a prática da exceção, existe uma figura que desponta nesse caminho: a figura do *homo sacer*, também chamada de “vida nua” ou “vida matável”, nas palavras do filósofo italiano, uma “vida indigna de ser vivida”. Segundo Agamben (2010), o *homo sacer* se realizaria no momento em que a sua humanidade fosse reduzida a pura *zoé*, ou vida biológica, atuando na tangente das leis e das regulações jurídicas impostas pela sociedade, eliminando qualquer profundidade da vida política.

Quando voltamos à discussão apresentada por Veena Das e Deborah Poole (2008), as pesquisadoras trazem em seu trabalho a ideia de exceção elaborada por Agamben e acrescentam que as “margens” são os lugares típicos do exercício das práticas de exceção e de realização da “vida nua”, que no limite pode levar ao exercício de matar sem que se cometa o assassinato. Nesses lugares e contextos tradicionalmente identificados como à margem do Estado-nação é que essas práticas consideradas excepcionais se realizam e fazem parte da vida cotidiana da cidade, tornando-se regra. Nesse sentido, espaços da cidade ou até mesmo cidades ou populações inteiras podem ser tratadas como “vida nua”.

Quando ampliamos a categoria “vida nua” para “cidade nua”, termo construído por Michel Agier (2011) para pensar campos de refugiados na África e na Palestina, vemos a construção de espaços intersticiais onde a etnografia pode tentar entender e descrever os processos de grande precariedade no plano social e material, assim como o movimento para a formação de lugares e margens urbanas, em geral, em contextos densos e heterogêneos. Nas palavras de Agier:

A “cidade nua” reenvia, em parte, à noção de “vida nua”, no sentido em que a experiência concreta, vivida, do que é a vida nua (a sobrevivência biológica fora de qualquer reconhecimento de uma biografia social, local, política) se realiza forçosamente num espaço específico, ou em espaços múltiplos que a põem de parte (AGIER, 2011, p. 40).

Em se tratando de cidade, é preciso deixar claro que, longe da ideia segundo a qual as “populações marginais” seriam “comunidades” que deveriam ser tratadas como “entidades” homogêneas e estáveis, aqui ela emerge como algo heterogêneo, composto por diferentes relações sociais, realizadas por formas diversas de governança e que, mesmo precárias, produzem experiências, linguagens e “formas-de-vida” distintas.

Com este raciocínio, o “mundo-Cottolengo” se torna um espaço inquietante que desafia, embaralha e por vezes arruína as categorias de entendimento e as construções de verdade. É um “espaço heterotópico”, na medida em que coloca em oposição, contesta e inverte a sociedade na qual está inserido. Embora sejam reais e localizáveis, os espaços heterotópicos estão fora de todos os lugares. Esta é a definição de Foucault (2001) sobre espaços heterotópicos, mas podemos somar ao que Michel Agier chama de lugares de fora, de “*ban-lieu*, lugar de confinamento do banido, cujo afastamento político e territorial permite todas as dominações e exclusões, sejam elas econômicas, culturais ou ‘raciais’” (AGIER, 2011, p. 41).

Quando voltamos ao livro de Calvino e observamos as contradições, incoerências e absurdos de uma eleição realizada no interior do Cottolengo, vemos Amerigo questionar a validade dos votos daqueles desafortunados. Na discussão, uma das madres encarregadas de “fazer votar” os deficientes, convida os escrutinadores a olharem pela janela e reconhecerem os “infames” que “certamente” não poderiam votar. Numa forte passagem, o escrutinador comunista observa uma cena que permite fazer um paralelo entre a “cidade-Cottolengo” e os campos de concentração:

(...) a porta dava para um terraço, uma espécie de varanda; e havia um semicírculo de cadeirões com porção de jovens, de cabeças raspadas e barbas desleixadas, as mãos apoiadas nos braços das cadeiras. Usavam roupões listados de azul, cujas pontas desciam até o chão, escondendo o penico que estava por baixo de cada cadeirão, mas o fedor e os regatos transbordavam perdendo-se pelo chão, por entre as pernas nuas e os pés calçados com tamancos. Entre eles também havia aquela semelhança fraterna que reina no Cottolengo e até a expressão era parecida, nas bocas abertas, sem forma, desdentadas: de uma risada que até podia ser choro; e o estrépito que faziam se fundia num apagado tagarelar de risadas e choros. Em pé diante deles, um assistente – um daqueles feios mas espertos – mantinha a ordem, com uma vara na mão, e intervinha quando alguém queria se tocar, ou levantar-se, ou puxava briga com os outros, ou faziam muita gritaria. Nos vidros da varanda brilhava um pouco de sol, e os rapazes riam com os reflexos, ou passavam, mutáveis, à ira, vociferando um contra o outro, e depois logo se esqueciam (CALVINO, 2002, p. 73).

Não devemos nos surpreender, como disse Pol-Droit em uma apresentação sobre Foucault (2006, p. 45), com o fato de que, em uma sociedade disciplinar, a prisão se assemelha às fábricas, às escolas e aos hospitais. E aqui propomos, por intermédio das leituras de Calvino e Agamben, que, no limite, o Cottolengo, nos moldes como foi construído e como funciona na narrativa do escritor italiano, se assemelha aos campos de concentração. No caminho que estamos propondo, essa aproximação se faz possível pela via de análise segundo a qual o Estado aparece através de suas práticas de exceção em contextos ditos marginais. Nesse sentido, é através da constituição, manutenção e re-constituição das práticas do Estado, atrelada à manutenção da “vida nua”, que as formas de violência e autoridade ali praticadas nos permitem aproximar o Cottolengo dos campos de concentração. Assim, ao explorar os modos de realização da votação no interior do Cottolengo, podemos entendê-los como parte dos dispositivos da biopolítica que envolve os políticos, os membros da Igreja, os internos do Cottolengo e os agentes que executaram uma eleição naquele local, incluindo os escrutinadores.

Enfim, apoiando-me nas reflexões de Das e Poole, entendo que as “margens” são “decorrências e implicações necessárias do Estado, assim como a exceção é um componente necessário da regra” (2008, p. 4, tradução minha). Neste sentido, os estudos urbanos poderiam ser produzidos por meio da observação e descrição das práticas, relações, situações e representações dos cidadãos, acompanhando seqüência da vida urbana, onde o que está em jogo não são as reflexões sobre “a cidade”, mas as investigações dos modos de se “fazer as cidades”. Nessa direção, a cidade-hospício funciona como tipo exemplar de exercício de poder nas margens, por evidenciar a maneira como o controle do Estado se apropria do que coloca como estranho e exterior.

4 - “O humano não tem fronteiras”: apontamentos sobre a resistência no Cottolengo

Amerigo havia sido escolhido para formar a comissão de escrutinadores que recolheria os votos nas enfermarias. Um sem número de pessoas que estavam registradas para votar eram doentes impossibilitados de sair da cama. Essa “mesa destacada” deveria, então, recolher os votos dos doentes no local do tratamento. Amerigo caminha na enfermaria e, em meio a lençóis brancos e travesseiros, gritos e gemidos agitados, vê a forma humana aflorar. Nosso

comunista já não pensa no “insensato motivo pelo qual se encontrava ali”, nem tenta mais entender o significado da eleição garantida pela “vontade popular”, que havia saído de seu controle. O que entra em questionamento para o intelectual de esquerda é do significado de ser um humano. Em meio a uma quantidade de rapazes disformes, meio homem, meio planta, meio peixe, Amerigo observa a enfermaria. Peço licença para uma longa citação, mas que é necessária para desenvolvermos o argumento:

Uma cama no final da enfermaria estava vazia e arrumada; seu ocupante, talvez já convalescendo, estava sentado em uma cadeira ao lado da cama vestido com um pijama de lã e um paletó por cima, e sentado do outro lado da cama estava um velho de chapéu, certamente o pai, visita daquele domingo. O filho era um rapaz deficiente, de altura normal, mas parecendo, de algum modo, encolhido nos movimentos. O pai abria amêndoas para o filho, e as passava para ele por cima da cama, e o filho as pegava e vagarosamente as levava à boca. E o pai ficava olhando ele mastigar.

Os garotos peixes eclodiam em seus gritos, e de vez em quando a madre se afastava do grupo dos mesários para calar alguém que estivesse excessivamente agitado, mas sem muito êxito. Cada coisa que acontecia na enfermaria era destacada das outras, como se cada cama encerrasse um mundo sem comunicação com o resto, salvo pelos gritos que um incitava ao outro, em crescendo, e comunicavam uma agitação geral, em parte como uma algazarra de pássaros, em parte dolorosa, gemente. Só o homem de cabeça enorme estava imóvel, como se nenhum som pudesse tocá-lo, nem de leve.

(...)

Agora que o jovem idiota terminara seu vagaroso lanche, pai e filho, ainda sentados ao lado da cama, estavam os dois com as mãos apoiadas nos joelhos, as mãos pesadas de ossos e veias, e as cabeças inclinadas de viés – sob o chapéu o pai, e o filho de cabeça raspada como um recruta – de modo que continuassem a olhar-se com o canto do olho.

É isso, pensou Amerigo, aqueles dois, assim como são, são reciprocamente necessários.

E pensou: é isso, esse modo de ser é o amor.

E depois: o humano chega onde chega o amor; não tem fronteiras, a não ser as que lhe damos (CALVINO, 2002, p. 67 e 74).

A descrição é intensa e mostra a perplexidade do escrutinador, permitindo que incluamos uma questão importante para a efetivação da “vida nua” que ainda não trouxemos: a presença do soberano para essa realização. O soberano seria, no pensamento de Agamben, o agente detentor do poder de reduzir a condição da humanidade social de um indivíduo para a condição de *zoé*. Essa ação seria feita no interior do Estado, ou dos espaços de exceção. São nesses lugares e momentos que o soberano conseguiria realizar a negação da *bios*, ou seja, a negação da vida social e política de indivíduos e transformá-los na condição de *zoé*, a saber, um modo particular de redução da vida social e política em vida biológica.

No entanto, essa “vida nua” não se realiza sem resistência ou, se pensarmos em termos foucaultianos, sem as positivities que, se não estão diretamente em oposição à ordem vigente, questionam a estrutura normativa e se tornam um obstáculo na transformação da “vida nua”. Para discutirmos um pouco como podemos ler em Calvino esse pequeno ponto de resistência, trago uma questão levantada por Vera Telles:

A pergunta que esses personagens estão nos sugerindo é: como escapar da morte matada ou da infelicidade do pobre coitado? É esse o deslocamento que o primado da ‘vida nua’ parece operar. A vida nua não é o vazio, pois é justamente aí que o jogo está sendo jogado e as tramas do mundo estão sendo tecidas (TELLES *apud* FERNANDES, 2011, p. 4).

Para pensar sobre a resistência à vida nua, Giorgio Agamben coloca em seu livro *Means without End: Notes on Politics* a reflexão sobre a noção de “forma-de-vida”. Para o autor, uma vida sempre estará associada a uma “forma-de-vida”, que conseguirá escapar aos dispositivos que levam à “vida nua”. Trabalhando a distinção grega entre *bios* e *zoé*, Agamben entende que a *bios* sempre será inerente a uma “forma-de-vida” particular por suas possibilidades, ou, nas palavras do filósofo italiano, pelas potências de vida, sem que com isso se “romantizem” as “formas de vida” particulares desses espaços.

Nesse sentido, os dispositivos que transformam as potências de vida em “vida nua” só podem ser exercidos quando um poder político trabalha para a anulação das “formas-de-vida”. Dessa maneira, segundo Agamben, para resistir à “vida nua” seriam necessárias práticas singulares que trabalham para desativar a pretensão biopolítica da soberania. Segundo Rene Toedter, em seu artigo sobre as possibilidades de resistência, a “vida nua” em Giorgio Agamben, as “formas-de-vida” seriam concebíveis a partir de práticas políticas paraestatais que escapem ao jogo biopolítico da soberania. Através das experiências de pensamento aliadas ao engajamento no viver, é que a vida poderia ser afirmada como potência e possibilidade. Assim, não haveria outro caminho senão resistir, e, nesses casos, resistir é *profanar*, que não é sinônimo de secularizar, mas, para Agamben, significa romper com a ordem teológica bio/jurídico/política em vigor. As “formas-de-vida” seriam, então, uma categoria “inversa e simétrica à vida nua” (CASTRO, 2012, p. 195).

Italo Calvino escolhe um caminho para a resistência: o velho que, para não deixar o filho cair na animalidade absoluta, viaja todos os domingos para dar amêndoas ao filho idiota, construindo, assim, uma inter-subjetividade onde ambos encontram nesse contato a vida que é irreduzível à pura *zoé*. Certamente, com essa ação, pai e filho não pretendem fazer frente a toda a lógica interna ao Cottolengo nem lhe construir uma alternativa. O máximo que ela pode fazer é questionar a ordem normativa operante daquele espaço e abrir possibilidades para outras possíveis formas de ação.

São essas e outras micro-ações cotidianas que o Estado biopolítico não pode tolerar. São as singularidades comuns que constroem as multiplicidades inconstantes do dia-a-dia. Aqui a singularidade funciona como aquilo que “recusa o poder constituído sem constituir uma réplica espelhada desse mesmo poder” (TOEDTER, 2010, p. 221). Através desse pensamento, o filósofo italiano constrói uma modalidade de resistência que está na potência de vida do qualquer um, na singularidade do “infame”. Pai e filho construíram uma “forma-de-vida” que alcançou o seu próprio poder e a sua própria comunicação, realizando uma vida onde os dispositivos que levam à *zoé* não consegue exercer o seu domínio. Emprestando parte das reflexões de Helena Zamora, “talvez só agora possamos traçar os planos dessa guerra, novas estratégias, se formos capazes de reconhecer que é aí mesmo, onde reina a biopolítica, que resiste a biopotência” (ZAMORA, 2008, p. 113). Para Zamora, e também para Agamben, a vida pulsa exatamente onde o

poder decreta a sua vitória. São especialmente nessas situações e lugares onde a exceção é a regra, que se constroem ligações sem que a exceção e a “vida nua” tenham um papel estável.

A resistência que Calvino aponta no interior da lógica biopolítica operante no Cottolengo passa pelas subjetividades do pai camponês e do filho idiota, apostando, assim, nas potencialidades das singularidades infames da vida e em existências simples. Nesse contexto, pai e filho fazem de suas “formas-de-vida” uma constante reinvenção na qual a *profanação* torna inoperante (ao menos nessa inter-relação) a velha ordem biopolítica. Com isso, podemos voltar ao texto de Calvino. Essa volta agora já pode partir do pressuposto de que é possível trabalhar a ideia de cidade-hospício como espaço onde se enfrentam poderes que jogam com todas as suas forças para tentar definir controles e anunciar vitórias.

A percepção desse estado de tensão permite que observemos mais de perto a perplexidade do personagem. Ao se deparar com a variedade e complexidade da vida que existe no Cottolengo, Amerigo assiste ao significado de igualdade, humano, razão, normalidade e democracia, seus grandes ideais universais e universalizantes, perderem sentido, serem dissolvidos; ao mesmo tempo percebe a impossibilidade de sua realização nos termos em que foram elaborados. Essas constatações apresentam a crise vivida pelo personagem, dando-lhe de um lado um caráter de experiência real que o leva ao *pessimismo da inteligência*, e de outro, a dimensão utópica pelo *otimismo da vontade*. O que norteia, portanto, essa narrativa é a ideia de crise. A palavra central é crise, mas que se apresenta sobre várias formas. Em certo sentido como incômodo, em outro como impaciência e também contemplação. A experiência adquire sentido quando se chega ao limite, quando ela se torna negativa com relação às expectativas e, nesse momento, se constroem as alternativas ou as novas formulações.

*

* *

Não é a esmo que sugerimos um paralelo entre o Cottolengo e os campos de concentração, sobretudo quando o nosso eixo de comparação está na anulação da dimensão humana dada a essas pessoas. Dois anos antes do título

de Calvino, Erving Goffman publicava o livro *Manicômios, prisões e conventos* (1961), no qual, através do conceito de “instituição total”, aproximava os hospitais psiquiátricos dos campos de concentração. Outra contribuição importante, da mesma época, tratando da história do confinamento moderno em hospitais psiquiátricos, é a obra de Michel Foucault: *A história da loucura na Idade Clássica* (1961). É neste contexto intelectual de crítica e questionamento das instituições psiquiátricas que o livro de Italo Calvino se insere.

Com sua “experiência autobiográfica ligeiramente deformada”, Calvino elabora um texto que tenta entender como, no dia a dia do Cottolengo, a democracia pode se realizar através de práticas de exceção e confinamento. Ao construir o Cottolengo através dos “olhos, nariz, bocas, braços, pernas” de quem vive naquele espaço e das experiências subjetivas de crise vivenciadas por Calvino, o autor italiano formulou, através de seu conto, um novo plano de existência que nos permite compartilhar a ideia de Walter Benjamin, que diz ser “a tradição dos oprimidos [quem] nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade regra geral”. No complemento desta afirmação, Benjamin convoca os intelectuais à tarefa de “originar um verdadeiro estado de exceção” (BENJAMIN, 1994, p. 226). Assim, podemos ler a pequena novela *O dia de um escrutinador* como mais um caminho rumo a esta afirmação.

Notas

1 Agradecimentos especiais a Ana Carneiro, pelo acompanhamento da redação deste texto, pela leitura e sugestões cuidadosas. Agradeço enormemente os comentários, sugestões e incentivos de Patrícia Birman, Adriana Fernandes e Antônio Edmilson Rodrigues. Agradeço também a Ronaldo Castro, que orientou minha dissertação de mestrado, e a Dany Pierobon por traduzir os necessários resumos. Este texto não seria possível sem essas (e outras) interlocuções. Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no “GT-8 – Comunicação, artes e cidade”, no I CONINTER – Colóquio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades – entre os dias 3 e 6 de setembro de 2012, e publicado nos anais do evento. Disponível em: <http://www.aninter.com.br/gt08.html>.

2 A primeira edição do livro foi publicada em 1963 com o título: *La giornata d'uno scrutatore*, pela editora Einaudi, em Turim.

3 As autoras grafam a palavra “estado” em minúsculo, justamente para marcar seu caráter pragmático, enfatizando seus jogos e relações de poderes, por ser móvel e construído nas inter ou trans/relações.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. Homo Sacer II. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. O poder soberano e vida nua I. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *Means without end: Notes on politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- ARAUZ, Valéria Angélica. Indizíveis, intangíveis, impossíveis: mundos ficcionais em *I nostri antenati*, de Italo Calvino. Tese de doutorado em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, 2009.
- ASOR ROSA, Alberto. *Stile Calvino: cinque studi*. Torino: Einaudi, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas 3: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas 1: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALVINO, Italo. *A especulação imobiliária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CALVINO, Italo. *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CALVINO, Italo. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CALVINO, Italo. *A trilha dos ninhos de aranha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALVINO, Italo. *O dia de um escrutinador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CALVINO, Italo. *Marcovaldo ou a estação nas cidades*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.
- CALVINO, Italo. *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

- CALVINO, Italo. *Lettere 1940-1985*. Milano: Meridiano Mondadori, 2000a.
- CALVINO, Italo. *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.
- CALVINO, Italo. Prefácio. In: *Os nossos antepassados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben. Uma arqueologia da potência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- CLIFFORD, James and MARCUS, George (eds). *Writing Culture: The poetics and politics of ethnography*. Berkley, Los Angeles and London: University of California Pres, 1986.
- DAS, Veena. “Entre palavras e vidas: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos”. **Dilemas**. Rio de Janeiro. vol. 5, nº 2, 2012. p. 335-356.
- DAS, Veena. POOLE, Deborah. “El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas”. **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, nº 17, 2008, p.19-52.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. *Anthropology in the margins of the State*. Santa Fé, Oxford: School of American Research Press/ James Currey, 2004.
- DROIT, Roger-Pol. *Michel Foucault, Entrevistas*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DAMASCENO, Janaina; SILVA, Isabela da; FRAZIONI, Natália, *et. ali*. As cidades da antropologia: entrevista com Michel Agier. **Revista de Antropologia**. USP, Vol. 53, nº 2, 2010, p. 812-842.
- FABRIS, Mariarosaria. *Neo-realismo cinematográfico italiano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1996.
- FERNANDES, Adriana. Com quantos coletivos se faz um coletivo? A micropolítica do espaço em uma ocupação de sem-teto. In: **XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** (Ass. Nacional de História), 2011, São Paulo. v. 1. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183591_ARQUIVO_2PassettiEnviado1_10.06.11.pdf. Acesso em: 10/12/2012.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Ditos & Escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*, São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

IOZZI, Adriana. Calvino Ensaísta. Tese de doutorado em Teoria e Literatura Comparada. USP, 2004.

IOZZI, Adriana. Da vanguarda ao pós-moderno: Italo Calvino e a literatura renovada. **Actas IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada**. Évora: Universidade de Évora, 2001. v. I, p. 1-10. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeI/DA%20VANGUARDA%20AO%20POS-MODERNO.pdf>. Acesso em: 10/12/2012.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literaria*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999a.

ISER, Wolfgang. Que é antropologia literaria? In: ROCHA, C. C. (org.). *Teorias da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999b.

MAIA, Claudia. “O humano não tem fronteiras: o dia de um escrutinador”, de Italo Calvino. **Relit**, nº 2, v. 1, p. 04-10, 2011.

PECHMAN, Robert. Pedra e discurso: cidade, história e literatura. *Revista Semear* 3. Rio de Janeiro, nº 3, sp. 1999. Disponível em: http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/3Sem_06.html. Acesso em: 05/06/2011.

PIERANGELLI, Fabio. Entrevista com Fabio Pierangelli. **Outra Travessia**, nº 12, p. 203-220, 2011.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, nº 32, v. 15, p. 171-188, jul. 2009.

TADDEI, Angela. Sobre a escrita etnográfica. **Aurora**, Marília, Edição Espacial, v. 5, p. 103-118, 2012.

ZAMORA, Helena. Os corpos da vida nua: Sobreviventes ou resistentes?. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology* online, v. 5, 2008, p. 104-117. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-03582008000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 10/12/2012.

Resumo

Em 1953, Italo Calvino participa de um processo de votação no interior do Cottolengo em Turim, exercendo a função de escrutinador nas mesas eleitorais e coletor de votos nas enfermarias. Dessa “experiência de campo” nasce o livro *O dia de um escrutinador* e o personagem Amerigo Ormea. Através do conto, farei um “exercício etnográfico” aproximando a literatura de Ítalo Calvino da “antropologia da cidade” desenvolvida por Michel Agier. A análise traz os confrontos dos ideais de um militante do Partido Comunista Italiano que, ao se deparar com a complexidade da vida que aparece no cotidiano do Cottolengo, entra em crise com as concepções gerais e abstratas defendidas pelo Partido.

Palavras-chave: Italo Calvino; literatura italiana; antropologia urbana; crise; utopia.

Abstract

In 1953, Italo Calvino participates in a voting process within the Cottolengo in Turin serving as the scrutineer at polling stations and collector of votes in the wards. The book *The Watcher* and its character Amerigo Ormea came from this “field experience”. Through the story I will be doing an “ethnographic exercise” approaching the literature by Italo Calvino with the “anthropology of the city” developed by Michel Agier. The analysis brings clashes of ideals of the Italian Communist Party member who, when faced with the complexity of life that appears in the daily Cottolengo is in crisis with the general and abstract concepts advocated by the party.

Keywords: Italo Calvino; italian literature; urban anthropology; crisis; utopia.

Recebido para publicação em julho/2013.

Aceito em outubro/2013.